

O Tempo é Superior ao Espaço: a dimensão social da evangelização como “processo possível” e “longa estrada”

Álvaro Mendonça Pimentel*

Resumo: O presente seminário apresenta uma série de dualidades elencadas pelo Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (*A Alegria do Evangelho*). As dualidades, no entanto, não são simplesmente enumeradas na exortação, mas formuladas com clara distinção de importância e prevalência. Essa forma de elaboração as constitui como princípios norteadores, aplicados por Francisco ao âmbito da ação social. São eles: a) O tempo é superior ao espaço; b) A unidade prevalece sobre o conflito; c) A realidade é mais importante do que a ideia; e d) O todo é superior à parte (EV, 156-258).

Palavras-chave: Tempo, Todo, Realidade, Unidade, Sociedade, Povo.

1. Introdução

Dois pressupostos são importantes para entendermos o capítulo IV de *Evangelii Gaudium*, “A dimensão social da evangelização”, que logo analisaremos, dando maior atenção a quatro princípios enunciados pelo Papa Francisco. O primeiro pressuposto é que a Igreja se encontra “no mundo”, aqui entendido como o espaço público ou a sociedade. Há, portanto, rejeição total da tese liberal e individualista que prescreveria o âmbito da “privacidade” ou do “coração” como único espaço disponível para a experiência religiosa na modernidade. A prescrição privatista, aliás, é ideológica, quando deseja retirar do âmbito público qualquer instância crítica que leve a questionamentos de práticas contrárias aos valores multimilenares das tradições religiosas.

A Igreja Católica vem definindo-se, no que concerne à cultura pluralista hodierna, como um membro da sociedade civil, em colaboração com outros grupos e pessoas de boa vontade, na busca conjunta pelo bem comum e a justiça. Eis o segundo pressuposto. O “mundo” em que ela se encontra não é mais a imaginada “cristandade”, mas o mundo dos Estados laicos, únicos capazes de assegurar a liberdade de culto, a pluralidade de valores e o valor da consciência pessoal, em qualquer contexto cultural. Mas, uma vez esclarecidos esses pressupostos, em que os quatro princípios enunciados por Francisco podem ajudar?

* Professor Doutor Álvaro Mendonça Pimentel. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).
alvaropimentel@faculdadejesuita.edu.br

2. A dimensão social da evangelização

A dimensão social não é uma consequência da fé assumida, mas está no coração mesmo do anúncio. Não se trata de “doutrina social derivada”, retirada da fé como exigência segunda, mas da estrutura do próprio *Kerygma* ou primeiro anúncio. Essa compreensão, aliás, convém ao título do documento, que fala da “alegria” do Evangelho. O papa jesuíta recorda em seus títulos um dos temas centrais do discernimento, compilado de forma exemplar por Santo Inácio de Loyola, em seus Exercícios Espirituais. A “alegria” ou “consolação” é um estado de plenitude ou “paz” que acompanha o encontro e a relação com Deus e o próximo. Sem dúvida, há profunda ferida “no mundo atual”, ferida de muitos mundos ao longo da história humana e que hoje ganha forma especialmente dolorosa. A exclusão de multidões do convívio social. Desolação, solidão, abandono são realidades que desafiam o anúncio do Evangelho, como entendido acima. Como gerar povo que supere as divisões presentes na sociedade?

Certamente, cada geração tem a missão de gerar “povo”, ou seja, “uma cultura do encontro numa pluriforme harmonia” (220). Eis como uma sociedade poderia unir-se e emergir no mundo para a ação, a partir de uma identidade tecida em longo processo histórico, com respeito às diferenças de seus atores. A dimensão social da Evangelização situa-se nesse processo e longa estrada. Para percorrê-la e realizá-lo, importa respeitar quatro princípios, que passamos a esclarecer abaixo: “o tempo é superior ao espaço”, “a unidade prevalece sobre o conflito”, “a realidade é mais importante que a ideia” e “o todo é superior às partes”.

3. O tempo é superior ao espaço: a dimensão social em mudança

O primeiro princípio é o fundamento dos demais: a intuição do tempo. Não o tempo do relógio, espacial e numérico, contado como dias, meses ou anos; mas o tempo vivido, contínuo e indivisível, que passa e não pode ser repetido, que se acumula na memória e gera novidades surpreendentes enquanto passa, que entrelaça uma multiplicidade qualitativa de estados e processos numa unidade, como no caso de uma existência pessoal, ou na história de um povo. Existir, para uma pessoa é passar e realizar-se, enriquecer-se ou empobrecer-se enquanto passa, sem jamais poder permanecer sempre o mesmo, no que concerne a ações e conhecimentos, sentimentos e visões do mundo, embora sendo a mesma pessoa, em seu mistério inatingível. Existir é realizar-se, desdobrar o mistério que se é e tecer, assim, uma identidade. E devemos dizer o mesmo, embora de modo análogo, dos processos históricos das sociedades que, ao tecer a própria identidade, vivem o tempo e tornam-se “povo”.

O “pecado da atividade sociopolítica” consiste em “privilegiar os espaços de poder em lugar dos tempos dos processos. Dar prioridade ao espaço leva ao enlouquecimento de ter tudo resolvido no presente, a tentar possuir todos os espaços de poder e autoafirmação. (...) Priorizar o tempo é ocupar-se com iniciar processos mais do que possuir espaços” (223). Aqueles que costumam citar essa última frase da *Alegria do Evangelho* em discursos políticos, institucionais ou homilias compreendem seu alcance e força transformadora, social e, inclusive, eclesial? Viver temporalmente não é adiar soluções, mas inaugurá-las e delas participar, em duração, ganhando nova percepção da realidade como dinamismo, criação e mudança.

Esta visão não é utópica. Ela se verifica na história. É o caso das democracias, que são *processos de governo e de tomadas de decisão*, apesar dos riscos autoritários que sempre as espreitam. Pensemos também a respeito da defesa da dignidade humana. Trata-se de um *processo de convivência*, um modo de existir em comum com outros, tão diversos em tudo, mas iguais em dignidade e direitos. E há mais. Considere-se ainda que o *processo de integração socioambiental*, como consciência ecológica planetária, encontra-se em curso. Neste processo, no caso do “nosso mundo”, a ciência tem um papel importantíssimo. Ela mesma é um novo *processo de conhecimento*, que surgiu de altas ideias de serviço à vida e libertação humana do jugo natural. Nosso mundo encontra-se, enfim, em pleno *processo de crescimento da responsabilidade* diante de novos problemas que os antigos não conheciam, decorrentes da amplificação de nossa ação, graças à tecnociência, como é o caso do uso das redes de comunicação virtual.

3.1 A unidade, a realidade e o todo

A análise do primeiro princípio, sua fundamentação e aplicação já seriam suficientes para compreendermos a perspectiva adotada por Francisco, em que a dimensão social da evangelização no mundo atual pode e deve contribuir para a transformação das sociedades e a geração de “povos”, com identidade e atuação na história da humanidade. No entanto, os outros três princípios, apoiados neste primeiro, explicitam aspectos que o aclaram e o tornam mais preciso. Vejamos.

A unidade prevalece sobre o conflito? Que o conflito está presente na sociedade e que precisamos celebrar novos pactos para administrá-los, eis o que é patente. No entanto, uma visão social, em que o conflito fosse o estado natural e originário, confundiria o realismo da constatação estrutural de conflitos com o fundamento da socialidade humana. Se os humanos podem celebrar pactos, há condição prévia inegável, ou seja, a socialidade humana é originária,

somos seres sociais, desde o princípio ligados por laços que permitem resolver conflitos. Mas para entender isso é preciso retornar ao primeiro princípio e notar que a realidade é processo temporal, continuidade também entre indivíduos, todos presentes no fluxo profundo da vida.

É preciso, pois, deixar de lado ideias pré-concebidas e sondar a realidade em sua profundidade vital e espiritual. Ver que a realidade, nesse sentido, é mais importante do que a ideia, como nos diz o terceiro princípio. Sim, a realidade se impõe e a ideia a reflete, “a realidade simplesmente é, a ideia se elabora” (231). A realidade nos circunda, nos envolve e, sobretudo, estamos nela, dela participamos numa comunidade de ser. Ora, o pensamento humano surge da realidade e deseja retornar a ela. É movimento que move, para iluminar, elevar, deslocar e criar vida. Participamos do todo, não como simples “partes”, mas como membros ativos, pensantes e livres, que somente no todo existem e vivem. O todo é superior à parte, diz o último princípio, como uma síntese do que se refletiu antes.

Entende-se porque Francisco declara sua preferência pela imagem do “poliedro” em lugar da imagem da “esfera”, que ele claramente rejeita. A esfera é o símbolo clássico da perfeição, do último acabado e irretocável, do todo absoluto. Já o poliedro, sobretudo o irregular, não tem as propriedades homogêneas da esfera, em que, por exemplo, qualquer ponto da superfície se encontra à mesma distância do centro. Os lados diferentes e as diferentes medidas do poliedro simbolizam a irregularidade das pessoas e das situações reais.

4. À Guisa de Conclusão: O diálogo social como contribuição para a Paz

A perspectiva temporal abre a comunidade ao diálogo, como busca comum de reconhecimento e consentimento numa sociedade. A duração dos processos, a atenção à realidade, a construção da unidade, o acolhimento de todos são momentos que exigem profundo entendimento e, portanto, longos e constantes diálogos. Mas o que caracteriza o diálogo a que nos convida *A Alegria do Evangelho*? Em primeiro lugar, cabe notar que diálogos são abertos por essência. Dialogar não é, propriamente, debater ou confrontar argumentos, com a intenção retórica de mover uma assembleia ou interlocutor em determinada direção; e menos ainda com a intenção de vencer um adversário. Um olhar mais atento constata que vivemos todos no mundo, num campo sem trincheiras e sem pontos de vista privilegiados. Vivemos todos expostos, mesmo ao tentar nos ocultar. Somos seres expressivos, ainda que perdidos em alguma ilha solitária. Esta, a nossa situação primordial. Se a dialética, que esclarece e conduz, se a retórica, que convence e une, têm seu lugar na vida social, por causa da diferença de

experiências e do tempo que torna alguns sábios e outros não, o diálogo não é por isso anulado. Ele se mostra em sua diferença, pois consiste na aposta, tantas vezes ganha na história, de que algo novo pode surgir quando há autêntico encontro e disposição recíproca de aprender e de descobrir em comum o que é bom, em sua força e beleza. No diálogo, o tempo como processo, a realidade viva, a unidade da multiplicidade e a totalidade como dom a todos oferecido guiam rumo à comunhão, à mútua compreensão, ao consentimento e à acolhida. No diálogo, a abertura ao outro contagia e inspira. Tensões e conflitos podem ser assumidos e reunidos para gerar caminhos de mais vida. Ora, a boa notícia é que este ideal do diálogo não está longe de nós. Ele se realiza em muitos âmbitos que vale a pena enumerar. Assim, por exemplo, no âmbito público, formado pela sociedade, o Estado e os poderes, os cristãos podem levar o Evangelho como sua contribuição própria na gestação de processos em que instituições e normas justas surgem, para defender a vida.

Enfim, o Papa Francisco não deixa de mencionar, constantemente, como os quatro princípios e o diálogo podem mudar a dinâmica da Igreja Católica, conduzindo-a a “assumir os processos possíveis e o caminho longo”, a viver na insegurança do tempo, na peregrinação e na saída, na abertura e no encontro. Caso isso ocorra, parece-nos que novidades nascerão no âmbito dos ministérios, na promoção da sinodalidade, nas formas de vida em comunidade e na inclusão agradecida e serena dos que erram. Uma Igreja mais transparente ao mistério poderá, então, renascer.